

CANDOMBLÉ: FORÇA E RESISTÊNCIA*

Júlio Braga

(Universidade Federal da Bahia)

Este trabalho procura refletir as preocupações que estiveram presentes nas falas de quantos participaram das sessões preparatórias com a finalidade de organizar o grupo de pessoas dos diferentes candomblés da Bahia e que estiveram participando do IV Congresso Internacional da Tradição e Cultura dos Orixás, na cidade de São Paulo.

Ocorre que paralelamente às discussões relativas à formação do grupo para representar a Bahia neste encontro, uma outra discussão foi iniciada por líderes religiosos que lutam pelo respeito e dignidade da religião afro-brasileira. Aliás, aproveitou a oportunidade para chamar a atenção sobre a necessidade de se pensar numa terminologia definitiva capaz de conceituar um sistema complexo de crenças que sem perder suas profundas ligações com as origens africanas, posto que são múltiplas, e nem tampouco com o sentido da história da transferência de africanos para o Brasil, incorporou e ainda incorpora experiências religiosas, de procedência a mais diversa, num amálgama de ritos, mitos e valores simbólicos de grande força espiritual.

Em linhas gerais, o que se pretendia era uma definição temática que melhor expressasse as inquietações que hoje predominam na comunidade religiosa afro-brasileira na Bahia.

Na verdade, entre muitos problemas emergentes dessa comunidade submetida a uma hedionda campanha que tenta depreciá-la naquilo que ela tem de mais original e inovador, qual seja, uma opção de existência alternativa e espiritual, campanha arquitetada nos dias atuais pela igreja Universal do Reino de Deus, a situação que mais preocupa o chamado povo-de-santo é a constante pressão ou opressão exercida pela sociedade dominante que parece refratária a aceitar o candomblé como elemento integrante da vida religiosa brasileira e sustentáculo dinâmico da herança cultural africana no Brasil.

* Conferência realizada no IV Congresso Internacional da Tradição e Cultura dos Orixás, em setembro de 1990, São Paulo.

Esta situação alimenta a criação de um campo ativo e extremamente eficaz de resistência cultural e religiosa no interior dessa comunidade, com plena irradiação e ressonância no âmbito da sociedade mais ampla ao tempo em que é repensada no campo das ações políticas promovidas pela comunidade negra de uma maneira geral.

Mas o que importa para a comunidade religiosa é a promoção desta luta de integração e atualização de sua importância enquanto uma vertente expressiva da religiosidade popular, elaborada de maneira a levar em conta a necessidade de preservação de seu conteúdo mais significativo no campo das estruturas fundamentais, veiculado pelo processo de iniciação que marca e caracteriza sua identidade enquanto organização religiosa.

Além disso, o candomblé não representa tão somente um complexo sistema de crenças alimentador do comportamento religioso de seus membros. Ele constitui, na essência, uma comunidade detentora de uma diversificada herança cultural africana que pela sua dinâmica interna é geradora permanente de valores éticos e comportamentais que enriquecem, particularizam e imprimem sua marca no patrimônio cultural do país. E, diferentemente de outras formações religiosas, o candomblé é uma fonte permanente de gestação de valores e de promoção sócio-cultural que se sobrepõe à dimensão cultural-religiosa *strictu sensu*, plasmando os contornos da identidade do negro no Brasil. Neste sentido, o candomblé deve ser entendido como um conjunto mais amplo que envolve, para além dos compromissos religiosos, uma filosofia de vida, uma maneira especial de interação do homem consigo mesmo e com os elementos essenciais da natureza, essa última, na concepção dos afro-brasileiros, uma expressão da sacralidade que envolve e toma conta de todas as coisas.

O candomblé pode ser considerado como um microcosmo aglutinador de experiências religiosas, de manifestações do sagrado através de suas representações simbólicas, de seus orixás, seus voduns, seus inquices, seus caboclos. E essa rica experiência religiosa engendra uma experiência de vida que, por sua vez, reanima a experiência religiosa, tornando-a, indissociável, no plano da ação comum e que contempla, nesta totalidade, as profundas interrelações da casa de santo, dos terreiros, dos templos, das árvores sagradas, das pedras carregadas de força e energia, das folhas sagradas, das ervas medicinais, dos cânticos, das águas, dos ancestrais, enfim dos sagrados e tão bem guardados fundamentos religiosos.

Nesta política de preservação de valores mais intrínsecos da estrutura interna do candomblé, todos parecem empenhados e mesmo que certos fragmentos sejam, vez por outra, conhecidos em

dissonância com os pressupostos da ordem iniciática, existe sempre presente uma velada vontade de que o saber circule tão somente nos limites de um pequeno grupo. De toda maneira, segmentos desse corpo de saber religioso, transmitidos em discordância com a aprendizagem iniciática de natureza conventual, entram no campo da aprendizagem assistemática, sem grandes prejuízos dos postulados básicos do conhecimento profundo que dá sentido à estrutura e organização religiosa de um terreiro de candomblé.

O que mais importa, contudo, é saber como se estruturam os mecanismos de defesa capazes de interromper as sucessivas agressões externas a que está constantemente submetido o candomblé no Brasil. Ainda que o sacerdote, pai ou mãe-de-santo, possa contar com o auxílio de outros segmentos organizados da sociedade – o que vem ocorrendo mais intensamente nesses últimos anos e dessa ajuda não deve prescindir – é, contudo, no interior da comunidade religiosa que há de encontrar a força e legitimação necessárias ao enfrentamento das pressões externas, sobretudo pela via da dominação econômica, que tentam descaracterizar essa cultura e imprimir uma vontade alheia aos interesses do grupo religioso, através da constante manipulação dos símbolos sagrados em favor de seus próprios interesses.

Esses mecanismos poderão ser identificados no contexto da atuação da liderança religiosa, a quem cabe, em última instância, o ordenamento das ações em defesa do patrimônio cultural e religioso de que é detentor o seu candomblé.

Na medida em que a liderança elabora e constrói seu espaço nos limites de suas funções religiosas, ela igualmente consegue estruturar um equipamento dinâmico de sustentação de seu prestígio sacerdotal, através de seus aliados mais próximos e quase sempre mais velhos, em respeito ao princípio de senioridade tão observado nas organizações religiosas dos candomblés. Esse prestígio sacerdotal aumenta na medida em que ele cuida com inteligência e pragmatismo das relações internas envolvendo seus acólitos, trabalhando com manifesta equidade na atribuição de funções e de prestígio sem perder, entretanto, o sentido da hierarquia. Mas o líder deve ser possuidor de um saber religioso que esteja teoricamente acima, em proporções e em profundidade, do saber de quantos pertencem a seu grupo. Desta maneira, o líder se coloca na posição de guardião supremo do saber iniciático, alcançado em razão de seu posicionamento na escala última da pirâmide sócio-religiosa do seu terreiro.

Mas, se por um lado, o sentido da hierarquia alicerça e sustenta a noção de liderança no interior do candomblé, por outro, o sacerdote

manipula outros valores simbólicos, e deve fazê-lo com competência, na sua interação com a sociedade mais ampla. A pressão da sociedade no sentido da utilização dos símbolos étnicos e religiosos, exige dele nos seus esquemas de defesa, a utilização de símbolos não necessariamente religiosos e que são constantes no sistema de trocas comuns da sociedade capitalista da qual o candomblé não pode se livrar.

Em defesa do seu território sagrado e de suas ações enquanto dirigente principal, o sacerdote tem a seu favor um conjunto de recursos ou mecanismos simbólicos construídos no interior desses templos e que são acionados quando se constata a necessidade de enfrentar as reações contrárias aos interesses do grupo. São mecanismos que permitem à comunidade adaptar-se às incursões do sistema dominante preservando-se o sentido da autoridade e da autonomia do grupo.

Podemos lembrar aqui a estratégia consensual da consulta às divindades antes de qualquer ação ou empreendimento que acarrete algum tipo de reestruturação da ordem tradicionalmente respeitada. Um líder religioso poderá com absoluta autoridade e sem nenhuma restrição, realizar quaisquer mudanças ou reagir contrariamente à expectativa do grupo, desde que conte com o consentimento ou aprovação das divindades consultadas previamente nessas circunstâncias. O que se espera ou pelo menos o que ocorre mais freqüentemente é o líder religioso tomar decisões que são geralmente aceitas no âmbito maior da comunidade, e se alguma objeção houver esta será facilmente absorvida no contexto das relações inclusivas da comunidade, capaz de assimilar as novas determinações sem prejuízo das boas relações que devem prevalecer entre a liderança sacerdotal e a comunidade como um todo.

De toda maneira, o líder administra seu grupo numa sociedade com grande capacidade de provocar mudanças, nem sempre desejadas, muitas vezes rejeitadas, mas a inexorabilidade da situação lhe impõe a necessidade de negociar com seus bens simbólicos e deve atentar para que nessa negociação não implique numa diminuição de seu prestígio dentro do grupo. Trata-se, efetivamente, de uma situação inevitável, da qual o líder religioso não pode recuar e cuida para criar estratégias e argumentos sólidos capazes de abrandar as consequências por acaso negativas e otimizar os resultados deste encontro de dois mundos: o primeiro marcado pelo sentido do sagrado e o segundo por conduta que de certa maneira contraria sempre os interesses do primeiro. Os resultados serão benéficos ou menos perturbadores da ordem interna do candomblé, na medida do equilí-

brio com que o líder administre essas contradições e vise tão somente o bem-estar do seu grupo religioso.

Sou tentado a imaginar que para uma ação eficaz e continuada, tendo em vista uma política de preservação do conteúdo sagrado que define o sentido de religiosidade das comunidades afro-brasileiras, é necessário vencer as barreiras isolacionistas que imprimem e privilegiam a excelência de um candomblé em detrimento de outros. Refiro-me às atitudes nem sempre salutares de certas lideranças religiosas que no afã de supervalorizar seu grupo de referência, terminam por desabonar outros tantos, sobretudo em decorrência da perniciosa maneira de comparar o conjunto de fundamentos, como se somente os deles merecessem o devido crédito e respeito. Esses, felizmente minoria, se jactam de serem portadores da verdade absoluta, dos segredos e fundamentos ou então de fórmulas mágicas que produzem uma aura nem sempre verdadeira de poder, consagração pessoal e prestígio social.

O candomblé ao longo de sua trajetória histórica, sempre soube e saberá se aparelhar convenientemente para fazer face aos obstáculos interpostos por uma sociedade nem sempre susceptível em aceitá-lo enquanto religião que atenta para os aspectos essenciais da natureza humana, buscando a harmonia do homem através de sua interação com o mundo sagrado, sem perder o sentido maior de enfrentamento das adversidades da vida em sociedade e nela encontrar os caminhos da liberdade, da harmonia social e da identidade daqueles que a ele se filiam, qualquer que seja o grau de iniciação e comprometimento religioso.

Para isto, força é superar a heterogeneidade aparente da religião afro-brasileira e investir bastante no discernimento do sentido profundo de seus propósitos mais altos que colocam no mesmo plano e no mesmo grau de importância, os diferentes candomblés, dos mais diferentes matizes, das mais diversas procedências, para alcançar o sentido de uma religiosidade da qual nos sentimos partícipes e responsáveis pela sua continuidade através das gerações futuras.